

19 NOV 1991

ABRAM SZAJMAN



A visita do chanceler alemão Helmut Kohl ao Brasil ofereceu-nos um interessante material de reflexão: enquanto os brasileiros aparentemente se deixavam levar pela sinistrose e pelo catastrofismo, esse homem, chefe do governo de uma das nações mais ricas e prósperas do mundo, dizia, com todas as letras e para nosso próprio espanto, que acredita em nós e em nosso futuro.

"O Brasil não tem saída? A Alemanha esteve no fundo do poço, arrasada e arruinada, mas conseguiu dar a volta por cima." Quando ouviu de um interlocutor que o Brasil nunca viveu momento tão difícil, pela explosiva combinação de recessão com hiperinflação, rebateu: "Você não faz idéia do que seja um país em ruínas, um país arrasado pela guerra, com fome, frio e destruição. Nós passamos por isso."

O otimismo do chanceler é, sem dúvida, contagiante, produzindo o paralelo óbvio: se a Alemanha, que enfrentou e perdeu duas guerras neste século, conseguiu emergir das cinzas novamente como grande potência econômica, por que o Brasil, cuja única guerra externa remonta ao século passado, não poderia igualmente superar suas dificuldades, rompendo a barreira do subdesenvolvimento?

Sem deixar de reconhecer a extraordinária experiência representada pela reconstrução da Alemanha, é preciso fazer aqui, tanto à guisa de desabafo como em contraponto às

Bons tempos aqueles

observações desse notável estadista, cujo cargo não lhe permite opinar sobre questões internas de um país estrangeiro, outras perguntas presas na garganta.

É possível, indefinidamente, exigir de um povo sempre e cada vez mais sacrifícios, sem que surjam resultados ou pelo menos perspectivas no horizonte? Que travessia é esta em que há cada vez mais deserto, sem nenhum sinal da terra prometida?

Essas perguntas não surgem de uma falsa dicotomia entre otimistas e pessimistas, mas da realidade dos números e dos fatos. Há dez anos enfrentávamos uma dura recessão que, segundo se dizia, era necessária para combater a inflação e sanear a economia. Hoje estamos às voltas com uma recessão pior, uma inflação pior, e continuamos a ouvir a mesma coisa.

Há dez anos, na recessão de 1981, o Brasil tinha 9% de sua população economicamente ativa desempregada. Hoje, a situação é relativamente a mesma. O País precisaria criar, apenas para atender ao crescimento demográfico, mais 2 milhões de empregos por ano. Ao contrário, fabrica 2 milhões, mas de desempregados. O Unicef, órgão da ONU para a infância, nos informa que metade da população até 17 anos vive em famílias cuja renda per capita não ultrapassa meio salário mínimo. São 59 milhões de crianças condenadas à miséria diretamente pela crise econômica, essa crise que não acaba nunca, num drama de proporções tais que a Alemanha, mesmo após as guerras, certamente nunca viveu.

O governo Collor, legítimo e democraticamente eleito, apresentou uma enorme esperança. Mesmo com a poupança

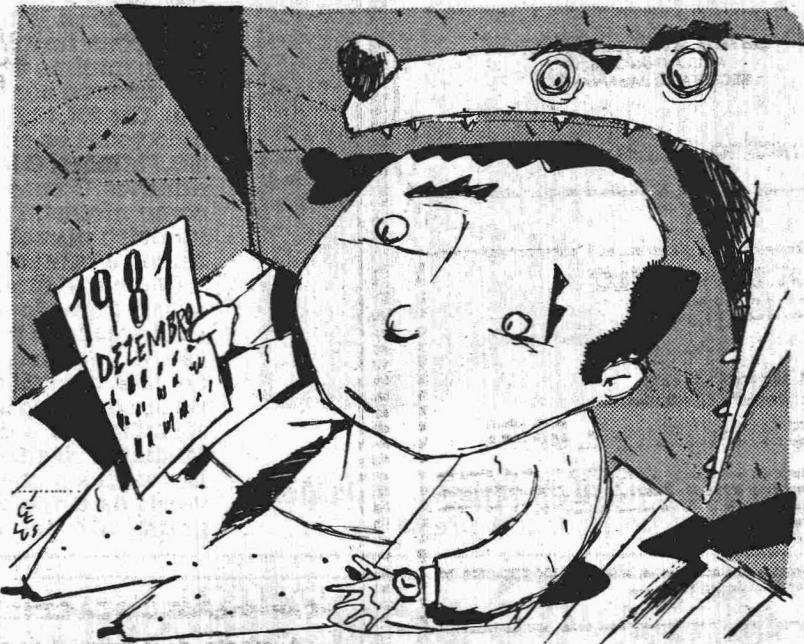
confiscada, a população acreditou que os sacrifícios, desta vez, não seriam em vão. Que o ônus estava sendo igualmente repartido, pois os que tinham patrimônio maior estavam sendo também proporcionalmente mais afetados.

O empresariado, em especial o setor que represento, do comércio paulista, não entendeu de maneira diferente: exercitou a criatividade para reativar as vendas, num momento difícil em que o dinheiro tinha praticamente sumido da praça. Os fornecedores industriais também acabaram por aceitar uma redução de suas margens, à exceção talvez dos setores oligopolizados, que se viram isolados quando o governo anunciou seu programa de abertura comercial externa e de competitividade industrial interna.

Em suma, mais uma vez acreditamos. Acreditamos na profissão de fé do presidente de acreditar no livre mercado. Que o Estado seria menor. Que o déficit público — causa fundamental da inflação brasileira — seria menor porque o governo gastaria menos, e não por arrecadar mais, asfixiando as empresas privadas, como acabou resultando da anunciada reforma fiscal.

Agora, ao se concluir o segundo ano do que seria o Brasil Novo, teremos um Natal de desemprego recorde, inflação quase hiper, hiperfrustração.

Quando estive aqui, Helmut Kohl disse, numa entrevista: "Relembro o Natal de 47. Foi o pior de nossas vidas." Nós, ao contrário, só podemos dizer: "Lembram-se do Natal da recessão de 1981? Pois é, bons tempos aqueles."



■ Abram Szajman é presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo